

EDUCAÇÃO SEXUAL COMO UMA ESTRATÉGIA DE SEGURANÇA PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

SEX EDUCATION AS A SAFETY STRATEGY FOR CHILD DEVELOPMENT

Janis Angélica Alves Oliveira¹

RESUMO: Diante dos inúmeros casos notificados de violência sexual contra crianças e adolescentes, este trabalho foi realizado a fim de salientar a importância da educação sexual na infância, visando a abordagem desse assunto tanto no ambiente escolar quanto familiar. Ainda é trazido nesta pesquisa alguns estudos respaldados no psicanalista Sigmund Freud sobre a sexualidade infantil e outros estudos de como a propagação de informações falsas atrapalham o trabalho pedagógico com o tema. A pesquisa foi realizada com o método bibliográfico e de abordagem qualitativa, trazendo um desfecho positivo em relação aos resultados alcançados. Consequentemente confirmando que espalhar informações falsas dificultam o ensino da educação sexual na escola, assim como a evidência de que a escola também possui responsabilidade de ensinar esse tema para as crianças e igualmente a importância dos ambientes familiares e escolares manterem o equilíbrio de opiniões e encargos para abordar o assunto. Ainda foi constatado a necessidade de novas estratégias governamentais a fim de ampliar a liberdade de tratar do assunto em sala de aula.

Palavras-chave: Educação Sexual. Infância. Sexualidade.

ABSTRACT: Given the numerous reported cases of sexual violence against children and teenagers, this work was carried out in order to highlight the importance of sex education in childhood, addressing this subject in both the school and family environment. Even brought in this research some studies supported by the psychoanalyst Sigmund Freud about child sexuality and other studies of how the spread of false information hinder pedagogical work with the theme. The research was carried out with the bibliographic method and qualitative approach, bringing a positive outcome in relation to the results achieved. Consequently confirming that spreading false information makes it difficult to teach sex education at school, as well as the evidence that the school also has a responsibility to teach this topic to children and also the importance of family and school environments maintaining the balance of opinions and burdens to address the topic. It was also noted the need for new government strategies in order to expand the freedom to deal with the subject in the classroom.

Keywords: Sex Education. Childhood. Sexuality.

RESUMEN: En vista de los numerosos casos denunciados de violencia sexual contra niños, niñas y adolescentes, este trabajo se llevó a cabo con el fin de resaltar la importancia de la educación sexual en la infancia, abordando esta asignatura tanto en el ámbito escolar como familiar. Aún así trajo en esta investigación algunos estudios apoyados por el psicoanalista Sigmund Freud sobre la sexualidad infantil y otros estudios de cómo la propagación de información falsa dificulta el trabajo pedagógico con el tema. La investigación se realizó con el método bibliográfico y el enfoque cualitativo, aportando un resultado positivo en relación con los resultados obtenidos. En consecuencia, se confirmó que la difusión de información falsa dificulta la enseñanza de la educación sexual en la escuela, así como evidencia de que la escuela también tiene la responsabilidad de enseñar este tema a los niños y también la importancia de que los entornos familiares y escolares mantengan el equilibrio de opiniones y cargas para abordar el tema. También se señaló la necesidad de nuevas estrategias gubernamentales para ampliar la libertad de tratar el tema en el aula.

Palabras clave: Educación Sexual. Infancia. Sexualidad.

¹ Graduação em Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos-UNICEPLAC. E-mail: janis.angelica99@gmail.com

ABSTRACT: Avec les nombreux cas signalés de violence sexuelle contre les enfants et les adolescents, ce travail a été réalisé afin de souligner l'importance de l'éducation sexuelle des enfants, et d'aborder ce sujet à la fois dans l'environnement scolaire et familial. Cette recherche montre que certaines études soutenues par le psychanalyste Sigmund Freud sur la sexualité de l'enfant et d'autres études sur la façon dont la propagation de fausses informations entrave le travail pédagogique avec le thème. La recherche a été réalisée avec la méthode bibliographique et l'approche qualitative, résultat positif par rapport aux résultats obtenus. Par conséquent, on peut confirmer que la diffusion de fausses informations rend difficile l'enseignement de l'éducation sexuelle à l'école. Cela nous montre aussi que la que l'école a également la responsabilité d'enseigner ce thème aux enfants. L'importance des environnements familiaux et les écoles à maintenir l'équilibre entre les opinions et les fardeaux peuvent aider à régler ce problème. Il a également été noté la nécessité de mettre en place de nouvelles stratégies gouvernementales afin de permettre d'élargir la liberté de traiter ce sujet en classe.

Mots-clés: Éducation Sexuelle. l'enfance. sexualité.

1. INTRODUÇÃO

A educação sexual é um tema que possui grande relevância para um desenvolvimento seguro da criança, pois ela ensina como proteger o próprio corpo e como respeitar o corpo de outra pessoa. Assim como o fato de que as genitálias são órgãos íntimos e não devem ser tocadas deliberadamente por outras pessoas além dos pais. Por conseguinte, a pesquisa focalizou na colaboração do círculo familiar e da unidade escolar para a realização da tarefa de ensinar sobre a educação sexual, pois esses dois círculos sociais possuem responsabilidades semelhantes no amadurecimento integral da criança. Ainda foi dado enfoque na importância de tratar a educação sexual em cada um desses ambientes em tópicos separados, para ser ponderada a relevância do tema para as crianças e o modo como fazê-lo em cada um desses ambientes.

Portanto, o presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) embasou alguns pontos desta pesquisa nos estudos de Freud que afirmam que a sexualidade humana não se manifesta apenas na adolescência com a explosão dos hormônios na puberdade, mas está presente durante toda a vida e merece um olhar mais atento nas fases mais vulneráveis, a fase de desenvolvimento infantil. Também foi apresentado a desinformação como um fator dificultante no trabalho pedagógico, com a temática educação sexual, dentro das instituições escolares.

A educação sexual para crianças por si só já é um tema árduo a ser ensinado pelo nível de complexidade, e com as falsas informações que foram disseminadas através dos anos pela população, tornou a abordagem ainda mais dificultosa. Logo, a escassez de informações

verídicas que cercam esse tema é facilmente sentida para quem se interessa em pesquisar algo mais a fundo sobre a temática. Porém, a educação sexual tem o intuito de proteger a integridade infantil, visto que assim como os adultos, as crianças possuem suas curiosidades naturais, e com ainda mais indefensabilidade.

Para tanto, a pesquisa teve como objetivo geral: Salientar a importância da Educação Sexual na infância, e como objetivos específicos: Contextualizar estudos a respeito da sexualidade infantil e da desinformação vinculada ao assunto; registrar a importância de abordar a educação sexual no ambiente escolar e inscrever sobre o papel do círculo familiar no ensino da educação sexual.

Para definir o problema deste estudo, foi considerado os inúmeros riscos de violência aos quais as crianças possam estar submetidas em qualquer ambiente de seu convívio. Em consequência disso, o presente TCC reuniu diversas pesquisas a fim de responder à questão problema que se delimitou em: Qual é a importância da educação sexual como estratégia para a segurança das crianças?

Tendo em vista os inúmeros riscos que possam vir a acontecer na infância, pode-se supor que uma criança com ciência sobre a educação sexual estaria menos sujeita a uma situação de abuso sexual, ou ao menos, teria conhecimento a que tipo de situação ela estaria sendo submetida (SOUZA, 2020) e, seria capaz de pedir ajuda.

Desta forma, a justificativa para esta pesquisa está vinculada a falta de conhecimento popular que decorre do receio conservador sobre o tema, assim influenciando na tendência frequente de espalhar informações falsas sobre a educação sexual, com a finalidade de tornar o assunto ainda menos aceito.

O presente trabalho é de suma importância para o meio acadêmico e social, por possuir um tema atemporal e por apresentar possíveis correlações entre o ensino da educação sexual e a prevenção de abusos sexuais infantis. De maneira, que também é esperado que esta pesquisa contribua com novas hipóteses acadêmicas e novas possibilidades de pesquisa, podendo servir de inspiração e referência para os futuros trabalhos na área da educação. Esses fatos incentivaram a propensão deste tema para a elaboração da pesquisa.

Assim, essa pesquisa buscou dissertar sobre a importância da educação sexual na infância, trazendo em seu desenvolvimento quatro capítulos além deste. De forma que, no

segundo capítulo está inserido a Revisão de Literatura, que por sua vez, está dividida em três subcapítulos. No primeiro subcapítulo, foi feita uma contextualização dos estudos de Freud sobre a sexualidade infantil e a desinformação que rodeia o tema. No segundo subcapítulo, foi desenvolvido a importância de a educação sexual ser dialogada na instituição escolar e as dificuldades para tal realização, e no terceiro subcapítulo, foi salientado a importância da família no papel de ensinar e dialogar com a educação sexual em harmonia com a escola.

No terceiro capítulo estão os Procedimentos Metodológicos que se trata de uma revisão da literatura, realizada por meio de revisão bibliográfica. Já no quarto capítulo está a Apresentação e Análise de Dados que busca reafirmar ou discordar da pesquisa pelos pontos de vista de estudiosos do tema. E no quinto capítulo estão as Considerações Finais para fazer o fechamento da pesquisa com os tópicos mais relevantes abordados no corpo do trabalho e responder à questão problema que norteou esta produção.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Concepção de sexualidade e a desinformação

Na Viena de 1900, o psicanalista Sigmund Freud, sugeriu que a sexualidade acompanha o ser humano desde o seu nascimento. E diferente das concepções até então vinculadas a essa ideia, Freud apontou que a sexualidade infantil estaria interligada às curiosidades e ao desenvolvimento humano, desagregando a sexualidade do erotismo. Para o autor, a libido é a energia que alimenta a curiosidade humana. Sendo assim, quando um bebê descobre novas funções de seu corpo, como as mãos e os pés, ele está sendo guiado pelo prazer humano da descoberta. Desta forma, Freud inscreveu em sua pesquisa que o ser humano desenvolve sua sexualidade de acordo com cada etapa vivida, de forma singular (BOROTO e SENATORE, 2019).

Freud foi o pioneiro no estudo da sexualidade infantil, sendo referência para outros estudiosos que o sucederam nas pesquisas sobre o assunto. Nascendo, assim, um significado muito mais amplo para a sexualidade. Em sua obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, ele disserta em sua pesquisa dividindo a sexualidade infantil em fases psicosexuais de latência. Essas fases conectam o psicológico e o sexual, que se manifestam de diferentes

formas e vão se assimilando às especificidades do indivíduo de acordo com o desenvolvimento humano (BRÍGIDO e SILVA, 2016).

Para Freud essas fases estão diretamente ligadas ao desenvolvimento da criança. No descobrimento da função de seus corpos como, a sucção para mamar, o alívio proporcionado ao urinar e defecar e somente mais tarde, o desejo sexual atribuído a puberdade (MINALI, 2020).

Essas fases de latência categorizadas por Freud foram divididas em cinco etapas. Sendo elas fase oral, fase anal, fase fálica, período de latência e fase genital. A fase oral, segundo o autor, inicia do nascimento ao primeiro ano, podendo se estender até os dezoito meses de vida. Nesta fase a área erógena do bebê é a boca. Suas necessidades biológicas e gratificações estão depositadas nessa área. As necessidades básicas do bebê são principalmente a fome e a sede e ao suprir essas necessidades, o bebê descobre o prazer no ato da sucção e degustação. É descoberto o prazer na ação de amamentar e na introdução de novos corpos à boca (SILVA, D., 2019).

Na fase anal, entre dois e quatro anos de idade, a sensação de prazer é voltada ao intestino e ao ânus. Os estímulos do intestino e da bexiga provocam sensações prazerosas no indivíduo durante seu funcionamento. Nesta fase, a criança sente aprazimento ao esvaziar a bexiga e, também, com o estímulo dos esfíncteres do intestino, assim como a descoberta da habilidade de controlar esses estímulos. Ou seja, a criança sente prazer na expulsão das fezes e também na retenção delas (BRÍGIDO e SILVA, 2016).

A fase fálica é marcada pelo primeiro contato da criança com as suas genitálias. Inicia-se por volta dos quatro anos e segue em desenvolvimento até os seis. Nesta fase, a criança passa a possuir consciência sobre pênis, no caso dos meninos ou da ausência dele, no caso das meninas. Freud ainda aponta que a zona genital é a mais importante para o desenvolvimento psicológico nesta etapa. Por esta afirmação ele foi duramente criticado na época. Nesta fase, Freud aponta a sexualidade infantil um pouco mais ativa em relação à libido sexual, pois as tensões emocionais ficam concentradas na região genital, fazendo com que a criança tenha uma atenção maior a sua região íntima (ANDRADE e CASTRO, 2019).

No período de latência, dos seis aos nove anos, o desejo libidinal é sublimado, ou seja, é direcionado para outras formas de desejo que não envolva necessariamente o desejo sexual. O

complexo de Édipo, que é atribuído a fase fálica e que consiste no desejo reunido nos pais, é direcionado para o subconsciente, mas não totalmente solucionado, segundo Freud. Esse é um mecanismo de defesa a qual o intuito libidinal adormece e afloram-se outros interesses de prazer, como a interação social com outros colegas na escola, o conhecimento cultural e a descoberta de hobbies (SILVA, D., 2019).

A última fase descrita por Freud se inicia aos doze anos e acompanha toda a puberdade e vida adulta. Na fase genital, os desejos sexuais são novamente concentrados na genitália. No decorrer das fases, os desejos foram distribuídos para várias áreas erógenas, no entanto, na fase genital o foco volta a ser em apenas uma região. A curiosidade libidinal se aflora iniciando a descoberta da masturbação e o processo de exploração do sistema reprodutor (COUTO, 2017).

Nos estudos e pesquisas realizados por Freud, a sexualidade infantil é associada diretamente à psique humana. Sendo assim, reduzir a educação sexual apenas às funções erógenas e reprodutoras, iniciadas na puberdade, é uma atitude equivocada e, ainda sim, frequente. Apesar do aspecto orgânico ser uma grande influência na sexualidade, não fica restrito a isso. Pois de acordo com Caramaschi e Senem (2017), deve ser levado em consideração como o indivíduo compreende e exerce sua sexualidade ao longo da vida. Tendo em conta as influências sociais, políticas, históricas, culturais e, também, as biológicas.

Se forem colocadas em evidência, as informações que o círculo social sabe sobre a educação sexual e a sexualidade, muitas delas são falsas ou sensacionalistas. Com o avanço da tecnologia, têm-se aproveitado para espalhar notícias tendenciosas sobre a educação sexual. De acordo Mesquita *et al.* (2020) as mídias comunicativas são grandes facilitadoras da transmissão de falsas informações. Isso se deve por um conjunto de motivos como a falta de verificação da fonte, notícias verídicas que são narradas de forma semelhante às notícias de procedência duvidosa, e também, o compartilhamento massivo dessas informações sem que a matéria seja sequer lida completamente.

Um exemplo conhecido a esse respeito foi quando, a fim de se promover eleitoralmente, o até então deputado Jair Messias Bolsonaro disse no jornal de televisão, Jornal Nacional, que o Ministério da Educação (MEC) havia adquirido o livro *Aparelho sexual e cia* e havia distribuído para as escolas sob o comando do até então ministro da

educação, Fernando Haddad (SILVA, T., 2018). No entanto, o MEC lançou uma nota desmentindo tal afirmação:

O Ministério da Educação (MEC) informa, em nota, que não produziu e nem adquiriu ou distribuiu o livro "Aparelho Sexual e Cia", que, segundo vídeo que circula em redes sociais, seria inadequado para crianças e jovens brasileiros. O MEC afirma ainda que não há qualquer vinculação entre o ministério e o livro, já que a obra tampouco consta nos programas de distribuição de materiais didáticos levados a cabo pela pasta.

O vídeo que circula nas redes sociais sustenta que o governo distribuiu e, assim, estaria "estimulando precocemente as crianças a se interessarem por sexo".

O Ministério da Educação informa que o livro em questão é uma publicação da editora Cia das Letras e que a empresa responsável pelo título informa, em seu catálogo, que a obra já vendeu 1,5 milhão de exemplares em todo o mundo e foi publicada em 10 idiomas.

As informações equivocadas presentes no vídeo, inclusive, repetem questão que tinha sido esclarecida anos atrás. Em 2013, o Ministério da Educação já havia respondido oficialmente à imprensa que "a informação sobre a suposta recomendação é equivocada e que o livro não consta no Programa Nacional do Livro Didático/PNLD e no Programa Nacional Biblioteca da Escola/PNBE".

O ministério também disse que a revista Nova Escola, edição 279, de fevereiro de 2015, que traz a matéria "Educação sexual: Precisamos falar sobre Romeo...", uma reportagem sobre sexo, sexualidade e gênero, dirigida a professores, "não é uma publicação do MEC, e sim da Editora Abril".

"O vídeo que apresenta as obras como sendo do MEC, em nenhum momento, comprova a vinculação do Ministério aos materiais citados, justamente porque essa vinculação não existe", enfatiza a nota, divulgada, na noite desta quarta-feira (13), pelo ministério. (BRASIL, 2016, n.p.)

545

Essa informação, juntamente de outras, foram usadas como ferramenta de desinformação e espalhada de forma massiva na internet. E durante esse período de ataques à prática de ensinar educação sexual nas escolas, a popularidade desta temática foi prejudicada. As redes de comunicação são utilidades de grande circulação de informações falsas, que podem ser usadas com viés político, religioso e até por questões pessoais. Então a falta de atenção e preocupação com a veracidade da fonte da informação, faz com que as pessoas deem visibilidade a referências inverídicas (SANTOS, 2018).

Em equivalência, Cardoso (2018, p. 06) diz em seu artigo que:

Afirmações ambíguas, enviesadas, ou provenientes de equívocos são, normalmente, niveladas a mentiras geradas pelos mais diversos pretextos, como: obter resultados eleitorais específicos, formar e influenciar correntes de opinião, impulsionar metas de políticas públicas, reforçar vínculos de identificação coletiva, inclusive, denegrir a imagem de uma coletividade ou segmento social, étnico ou racial. Geralmente surgem em forma de notícia.

Apesar da forte opinião arbitrária à educação sexual estimulada pelo episódio de 2015, essa aversão à educação sexual e a termos que se relacionam com sexualidade e gênero iniciaram-se por volta de 2010. Embora o termo gênero tenha sido trabalhado durante décadas em vários países, no Brasil essa discussão se intensificou no período de elaboração do Plano Nacional de Educação -PNE, lei 13.005/2014 (BRASIL, 2014), com vigência até o ano de 2024. Após aprovação deste texto, debates semelhantes também estiveram presente na aprovação dos planos estaduais e municipais. Durante essas discussões o termo “ideologia de gênero” apareceu em vários momentos (CAMARGO, ROSA e SOUZA, 2019).

A respeito disso, Monteiro (2017, p. 02) também menciona em seu artigo que

O termo “ideologia de gênero” é utilizado para significar que a discussão do tema na escola tem como intuito realizar uma dominação ou alienação dos/as alunos/as que seriam vulneráveis a uma ação docente que ocorre em um ambiente de desequilíbrio de poder – colocando assim a criança como vítima- e que a sua discussão distorce os conceitos de homem e mulher, o que levaria ao término da “família tradicional”. Os opositores à liberdade docente defendem ainda que este tipo de discussão (que denominam “educação moral”) seria exclusiva dos pais. Quanto aos termos que vêm tradicionalmente enfrentando esta ofensiva e sendo excluídos dos documentos legais, são principalmente os seguintes: “Gênero”, “Igualdade de gênero” e “Orientação sexual”.

2.2 Educação sexual na escola

546

As manifestações sexuais são de grande relevância para o desenvolvimento em geral da criança. E devido a sua relevância, surge a preocupação com o método que o assunto é exposto, principalmente no âmbito escolar (STAUB, 2015).

A escola é um ambiente coletivo que está presente na vida da criança por um período de tempo considerável e, nesse ambiente a criança possui interação com o meio social e se relaciona com outros indivíduos, sejam adultos ou crianças. Portanto, é esperado que a educação sexual seja trabalhada desde os primeiros anos. Como diz Silva, A. (2018, p. 14):

Sendo, a educação sexual um processo constante na vida de todo o indivíduo, faz-se importante que as instituições educacionais se conscientizem da importância da incorporação de projetos e disciplinas que abordem o tema, uma vez que a educação perpassa por todas as etapas de conhecimento para a formação cidadã.

A educação sexual é uma estratégia para ensinar às crianças a respeito do senso de responsabilidade e cuidado com o próprio corpo e com o corpo de outro indivíduo. Através da educação sexual ela aprende a verdadeira forma de se proteger. Em 1997 a orientação sexual, juntamente com outros temas educacionais, passou a ser cobrada como um tema transversal

nos PCN (1997), ou seja, um tema interligado não apenas a uma matéria, mas sim a várias áreas da formação dos alunos. Esses temas são voltados a compreensão e construção da realidade social. Arcari (2017, p. 23) diz que:

A denominação “Orientação Sexual”, utilizada nos PCN, designa o processo educativo em sexualidade, não devendo ser confundida com a expressão utilizada para definir o processo da orientação do desejo sexual. Assim, a educação sexual refere-se ao processo que desenvolve ferramentas e conhecimentos relacionados à sexualidade, que se inicia desde antes do nascimento e se prolonga por toda a vida.

Os PCN (1997) articulam em suas normas que esses temas transversais devem ser trabalhados durante todo o período escolar. Porém, por serem temas transversais, não havia obrigatoriedade de o professor ensinar sobre educação sexual em uma matéria exclusiva para sua realização. Em 2017, com a homologação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017), documento normativo que rege a educação brasileira, esses temas transversais, antes inseridos apenas nos PCN (BRASIL, 1997), passaram a fazer parte das normas da BNCC (BRASIL, 2017) sendo agora, componente obrigatório de ensino. Porém, possuindo o mesmo caráter transversal estipulado nos PCN (BRASIL, 2019).

No entanto, com a homologação das normas, as citações referentes à orientação sexual e gênero não foram adicionadas à BNCC (BRASIL, 2017) juntamente com os outros temas transversais. Sendo assim, não há nenhuma menção direta à temática nos assuntos programáticos para a Educação Infantil e Ensino Fundamental. Da mesma forma que o PNE (BRASIL, 2014), dispôs de termos como, “gênero”, “igualdade de gênero” e “orientação sexual” que foram excluídos durante sua elaboração no Congresso Nacional. (MONTEIRO, 2017).

Termos relacionados à educação sexual estão presentes implicitamente apenas na matéria de Ciências do oitavo ano do Ensino Fundamental com a unidade temática Vida e Evolução, deixando explícito apenas os fatores biológicos e higiênicos. Apesar da BNCC (BRASIL, 2017) citar que devem ser trabalhados os fatores biológicos, socioculturais, afetivos e éticos da sexualidade, as habilidades propostas na unidade temática não realçam os outros fatores não relacionados às questões biológicas (BRASIL, 2017).

Sem os termos referentes à educação sexual no documento normativo da educação brasileira, os professores se sentem inseguros para ensinar sobre o tema em sala. E se sentem pouco interessados em buscar uma capacitação especializada para melhor entendimento do

assunto. A educação sexual é um tema delicado, e assim como qualquer outro tema da área educacional deve haver um preparo adequado para atender cada tópico às suas respectivas faixas etárias. (OLIVEIRA; SANTANA e SCHUNEMANN, 2017).

Porém, a BNCC (BRASIL, 2017) não traz nenhum tópico específico quanto a formação de professores, apenas expõe em suas normas que a formação do professor deve ser de acordo com as demais políticas públicas já existentes. "O que se pode constatar com essa afirmação é de que não estão explícitas orientações para o trabalho do professor, somente consta que serão ofertados cursos de formação continuada e adequações dos cursos de formação inicial" (JUSTINA *et al.*, 2019, p. 03). Desta forma, o próprio documento normativo, consolidado em 2017, dificulta a abrangência do tema em sala de aula.

Ainda sobre a capacitação profissional do pedagogo, é importante ressaltar que alguns profissionais na educação buscam se especializar na área de Análise e Interpretação de Desenhos Infantis. Pois comumente quando uma criança desenha a imagem da figura humana ela está se representando no desenho. Barazetti (2016, p. 29) diz que:

O desenho, na maioria das vezes, expressa uma situação inconsciente e traz à consciência o que pode tomar espaço naquele momento. As crianças e os adultos desenharam e produzem de uma maneira diferenciada e, neste momento, nos atemos aos desenhos infantis, pois nosso intuito é que nos auxiliem como instrumento na identificação de vivências de violência sexual na criança.

548

No que se refere a prática da docência, os recursos auxiliares são escassos. O conhecimento do professor é praticamente a única ferramenta de trabalho para a educação sexual, e mesmo esta ferramenta é abaixo da média. É evidenciado a necessidade de materiais didáticos específicos para auxiliar os professores no ensino da temática sexualidade nas escolas, bem como o refinamento do material distribuído pelos programas políticos em omissão às diversidades. (MARCON *et al.*, 2016). Assim, a intervenção a ser realizada sobre o tema fica diretamente ligada ao interesse e disponibilidade do professor. O papel de delimitar o que será discutido em sala de aula também fica a cargo do professor (GAVA e VILLELA, 2016).

Apesar da ausência de recursos, o professor deve buscar meios didáticos de inserir a educação sexual nas diversas áreas de ensino, mesmo sem uma metodologia definida nos documentos normativos. A ludicidade é um meio fundamental para o professor em qualquer prática educacional, e levando em consideração a acessibilidade das falsas informações

disponíveis nas mídias sociais, o professor deve buscar ensinar com clareza. Tal como diz Almeida *et al.* (2017, p. 02):

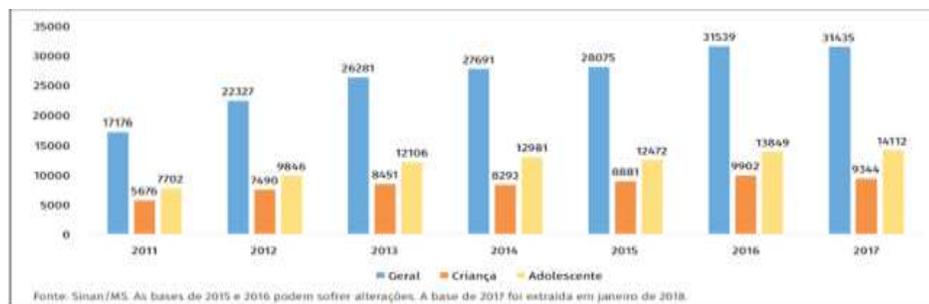
Considerando que, depois do ambiente familiar, é a escola que complementa a educação dada pela família, tem essa uma imensa responsabilidade na formação de seus alunos. No período escolar, começa o desenvolvimento corporal gerado pelos hormônios aflorando a sexualidade dos adolescentes. Fica a cargo da escola a orientação que deve ser feita por meio de discussões relacionadas ao tema constituindo, portanto, um compromisso por parte dos educadores.

De acordo com o art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990), criança é toda pessoa com até doze anos incompletos. As pessoas de doze anos completos até os dezoito serão considerados adolescentes. E além disso, no artigo 4º da mesma lei, o ECA (BRASIL, 1990) determina que as obrigações e responsabilidades quanto à vida, à saúde, ao esporte, lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. sejam garantidas por todas as esferas sociais, ou seja, à família, ao Estado e à comunidade. (BRASIL,1990) Deste modo, objetivo principal da educação sexual nas escolas é informar para prevenir, assim, garantindo os direitos fundamentais da criança e do adolescente. Ao ensinar a criança a respeito dos riscos a que ela pode ser submetida, ela vai poder identificar que está sendo vítima de violência.

549

Entre 2011 e 2017, dentre os casos de violência sexual comunicados ao Sistema de Informações de Agravo de Notificação (Sinan) 31,5% foram acometidos contra crianças entre 0 a 9 anos. E 45% deles foram contra adolescentes entre 10 e 19 anos. Concluindo na maioria dos casos efetuados contra menores de idade. Comparando os números de casos ocorridos entre o primeiro e o último ano, houve um crescimento de 64,4% dos casos contra crianças e 83,2% contra adolescentes. (BRASIL, 2018).

Figura 1- Número de notificações de violência sexual, total contra crianças e adolescentes, segundo ano de notificação, Brasil, 2011-2017.



Fonte: Sinan, 2018.

Na contagem das violências sexuais contra crianças foi constatado que 33,7% dos acontecimentos tiveram um perfil de repetição, 69,2% dos casos ocorreram na própria residência da criança, 4,6% dos casos ocorreram na escola e 62,0% dos casos foram sinalizados como estupro. (BRASIL, 2018).

Tabela 1- Características de violência sexual contra crianças notificadas pelo Sinan, segundo sexo, Brasil, 2011-2017.

Características	Criança (n=58.037) ^a					
	Total		Feminino (n=43.034)		Masculino (n=14.996)	
	n	%	n	%	n	%
Ocorreu outras vezes						
Sim	19.542	33,7	14.562	33,8	4.980	33,2
Não	17.881	30,8	13.111	30,5	4.770	31,8
Ignorado	20.607	35,5	15.361	35,7	5.246	35,0
Local de ocorrência						
Residência	40.154	69,2	30.649	71,2	9.505	63,4
Habitação coletiva	475	0,8	303	0,7	172	1,1
Escola	2.656	4,6	1.588	3,7	1.068	7,1
Local de prática esportiva	185	0,3	89	0,2	96	0,6
Bar ou similar	141	0,2	92	0,2	49	0,3
Via pública	1.809	3,1	1.159	2,7	650	4,3
Comércio/serviços	234	0,4	178	0,4	56	0,4
Indústrias/construção	113	0,2	63	0,1	50	0,3
Outros	4.839	8,3	3.311	7,7	1.528	10,2
Ignorado	7.424	12,8	5.602	13,0	1.822	12,1
Tipo de violência sexual^b						
Assédio sexual	15.693	24,9	11.973	25,8	3.720	22,6
Estupro	39.000	62,0	28.380	61,0	10.620	64,6
Pornografia infantil	2.048	3,3	1.461	3,1	587	3,6
Exploração sexual	1.836	2,9	1.362	2,9	474	2,9
Outros	4.352	6,9	3.321	7,1	1.031	6,3

Fonte: Sinan, 2018.

E em análise ao perfil dos autores de abusos sexuais contra crianças, constatou-se que em 74,7% dos casos houve envolvimento de um único autor. Em 81,6% dos casos o autor era do sexo masculino e 37,0% possuíam algum tipo de vínculo familiar com a vítima (BRASI, 2018).

Tabela 2- Características do provável autor de violência sexual contra crianças notificada no Sinan, segundo sexo, Brasil, 2011-2017

Características	Criança (n=58.037) ^a					
	Total		Feminino (n=43.034)		Masculino (n=14.996)	
	n	%	n	%	n	%
Número de envolvidos						
Um	43.359	74,7	32.534	75,6	10.825	72,2
Dois ou mais	7.180	12,4	4.654	10,8	2.526	16,8
Ignorado	7.491	12,9	5.846	13,6	1.645	11,0
Sexo do autor						
Masculino	47.324	81,6	34.778	80,8	12.546	83,7
Feminino	2.298	4,0	1.728	4,0	570	3,8
Ambos os sexos	1.795	3,1	1.327	3,1	468	3,1
Ignorado	6.613	11,4	5.201	12,1	1.412	9,4
Vínculo do autor com a vítima^b						
Familiares	20.545	37,0	16.301	39,8	4.244	29,0
Amigos/conhecidos	15.341	27,6	10.148	24,8	5.193	35,4
Desconhecidos	3.639	6,5	2.693	6,6	946	6,5
Outros	16.046	28,9	11.773	28,8	4.273	29,2

Fonte: Sinan, 2018.

Na palestra realizada em abril de 2018 pela Creche Fiocruz e pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, a palestrante que é psicóloga e doutora nas áreas de educação e especialista nas áreas de sexualidade e gênero ressaltou a importância do debate sobre a educação sexual na escola:

Por princípio, a escola é um local de produção e circulação do conhecimento. Temos que tratar de todos os assuntos, de todas as dúvidas dos alunos; olhar para o que as crianças trazem como demanda – por mais difícil que seja –, e discutir da maneira mais competente possível. É preciso ensinar as crianças que algumas condutas dos adultos não devem ser aceitas, configuram abuso; que corpos não estão disponíveis. A criança não entende o que acontece numa situação de abuso porque isso não foi explicado em casa. E ela pode até sentir prazer no abuso, porque, em geral, é algo mais sedutor do que violento. Falam: ‘Você é especial para mim; foi escolhida’, e criam pactos de silêncio de maneira perversa. (SOUZA, 2018 *apud* FERNANDES, 2019, n.p.).

2.3 O papel da família no ensino informal da educação sexual

A família é o primeiro transmissor de caráter da criança. Deste modo, o primeiro contato com as relações sociais se inicia dentro da própria casa. Segundo Dessen e Polonia (2007, p. 04)

Os laços afetivos formados dentro da família, particularmente entre pais e filhos, podem ser aspectos desencadeadores de um desenvolvimento saudável e de padrões de interação positivos que possibilitam o ajustamento do indivíduo aos diferentes ambientes de que participa.

Assim, fica claro que o círculo familiar possui um papel fundamental no ensino da educação sexual, pois nele se inicia o diálogo para a socialização do indivíduo, e a aprendizagem dos próprios valores para o desenvolvimento social, intelectual e emocional. E, também é na família que a criança aprende os primeiros conceitos sobre a própria identidade, sobre o corpo, autocuidado e consentimento (DIAS E ZANDONADI, 2018).

Apesar do grande papel que a escola possui em abordar esse tema, não se exclui a responsabilidade da família em tratar sobre o tema com as crianças. Os dois círculos de convivência da criança devem estar em harmonia quanto à educação sexual. Sendo assim, fica exposta a importância do equilíbrio entre os dois meios de convivência. Um não deve competir ou excluir o outro, pois esclarecem aprendizagens complementares na formação do sujeito. A escola irá transmitir esses conhecimentos de uma forma padronizada para cada faixa etária, mas cabe à família trazer essas informações para a realidade de valores e ideologias que permeiam o círculo social da criança (SOUZA, 2020).

552

Llanos e Martins (2019, P. 06) apontam a importância da família no desenvolvimento da sexualidade e na formação integral dos filhos

Os pais precisam tratar os assuntos mais individuais e profundos, já a escola deve trabalhar de maneira geral e superficial, tratando assuntos de cunho social e convívio entre ambos os sexos. Desta forma, pais e escola necessitam trabalhar em conjunto, de modo a auxiliar o enfrentamento das crianças ante tais questões.

Pesquisas indicam que uma forma eficaz de aumentar o diálogo entre pais e filhos sobre a sexualidade é através de atividades para casa, assim os alunos podem discutir os tópicos relacionados com seus responsáveis. Desta forma pais e educadores se apoiam para contribuir no processo de aprendizagem do aluno. No entanto, existe uma certa pressão social para que os pais não permitam o ensino da educação sexual em outro ambiente além do

ambiente familiar. Assim, pais e responsáveis por crianças e adolescentes se sentem ameaçados na função de educar diante da pressuposta ofensiva de gênero e sexualidade no ambiente escolar (RIBEIRO, 2021).

Guedes *et al.* (2017) constatou em sua pesquisa que foi realizada com os alunos do Ensino Médio de Guaraí em Tocantins, que 13% dos alunos acreditam que a família faz parte de um fator dificultante no ensino da educação sexual, porque as informações passadas pelos pais seriam divergentes das ensinadas na escola. E 21% dos 211 alunos entrevistados responderam não possuir interesse sobre o assunto educação sexual, demonstrando um fator preocupante sobre a ausência de informações sobre o tema.

Assim, Furlanetto *et al.* (2018) diz que o ensino da educação sexual e o debate sobre gênero e identidade não podem ser confundidos com qualquer meio de doutrinação moral, mas devem ser um recurso para desenvolver a cidadania.

Similarmente, em um Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) do Rio Grande do Sul, foi realizada uma pesquisa com dezessete mães de adolescentes, constatando nos resultados e discussão da pesquisa uma grande dificuldade em abordar esse diálogo com os filhos, sendo apontados diversos motivos:

[...] tais como timidez, vergonha, falta de motivação, sentimento de despreparo, insegurança, receio de que o fato de trazer o tema à tona estimule a iniciação sexual do adolescente, ou até falta de abertura dos próprios filhos.

O sentimento de despreparo para abordar o tema da sexualidade com os filhos foi referido por algumas mães participantes deste estudo. Além disso, elas manifestaram sentirem-se menos preparadas com relação a informações sobre o assunto. (SAVEGNAGO e ARPINI, 2018, p. 14).

Um tema com esse nível de dificuldade é um tema árduo a ser apurado até mesmo para os profissionais da educação. Por esse motivo muitas famílias deixam de dialogar livremente com suas crianças sobre a educação sexual. Para Costa e Oliveira (2011, p. 14) “Tal educação ocorre, muitas vezes de forma inconsciente, pois os pais não tem noção das consequências que suas atitudes ou falas proporcionarão as crianças.”

Muitas dessas dificuldades apresentadas pelas famílias estão intimamente interligadas ao fato de a sociedade enxergar a sexualidade como algo sujo e obscuro. Que deve ser proibido por ser um ato pecaminoso (OLIVEIRA, LEITE JUNIOR e NASCIMENTO, 2017).

Desta forma, cria-se um distanciamento entre pais e filhos em dialogar sobre sexualidade. O que permite uma vaziez de informações, que traz bases totalmente

equivocadas sobre o assunto. Deste modo, os filhos recorrem a outras fontes de informação como os amigos, vídeos na internet e outros meios que acabam oferecendo respostas equivocadas para esses questionamentos (MOREIRA, 2016).

Já em relação à família, pode-se perceber certa incompreensão a respeito do assunto, secundada pela falta de conhecimento do mesmo e pela dificuldade de ter um diálogo aberto com os filhos. Diante desse despreparo da família para lidar com as manifestações sexuais da criança, a escola assume mais um importante papel. (LIMA *et al.*, 2010, p. 05).

As crianças conseguem enxergar o incomodo dos adultos para falar sobre o tema, o que pode atrapalhar o vínculo de confiança. Além disso, muitas crianças são privadas da educação sexual pelo pensamento ultrapassado de que educação sexual se limita ao ato sexual, conseqüentemente é na puberdade que os pais buscam introduzir a educação sexual com o diálogo, devido ao amadurecimento físico, emocional e sexual. Porém, esse dialogo apresenta caráter de advertência, fazendo com que o ensinamento sobre o tema seja superficial sem muitos esclarecimentos (BORGONOVO *et al.*, 2017).

No entanto, as famílias podem encontrar algumas estratégias para tratar desse assunto de forma clara e objetiva. Uma dessas estratégias disponíveis para o ensino é o uso da literatura infantil, nela os autores buscam abordar a temática de forma descomplicada para cada faixa etária correspondente. Em seu artigo a respeito da literatura como auxílio na prevenção de situação de risco, Soma (2019, p. 05) diz que: "Entre as estratégias que podem ser utilizadas nos programas preventivos de abuso sexual com crianças, há a utilização de literatura infantil de abordagem preventiva (LIAPs)".

Silva e Medeiros (2021) menciona em seu artigo a importância de escolher um livro que aborde a temática educação sexual de forma lúdica. Pois, em contato com a literatura é possível que as crianças vivenciem novas experiencias sobre o mundo que elas convivem. Para tal, é fundamental que o objetivo seja auxiliar as crianças compreenderem as situações que acontecem ao seu redor.

Tendo essas estratégias de auxilio em mente, Ferreira e Pereira (2020) usaram vinte e sete livros infantis como objeto de estudo para esse tópico. As autoras usaram alguns critérios de avaliação, para catalogar as obras como objetos de apoio na ação de reconhecimento da criança quanto à situação de risco sexual. Alguns livros foram muito bem encaixados nesses critérios de avaliação como as obras, "O segredo de Tartatina", "Não me toca, seu boboca!",

“Pipo e Fifi” e outros. No entanto, no próprio artigo, as autoras deixam claro que as obras não são amplamente divulgadas, e os pais possuem dificuldade no incentivo da leitura pelo receio de tratar do tema com os próprios filhos.

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O presente trabalho trata-se de uma revisão de literatura, que analisa e interpreta uma investigação prévia (BENTO, 2012), com a temática de Educação sexual como uma estratégia de segurança para o desenvolvimento infantil, focada em verificar se uma criança com ciência sobre a educação sexual estaria menos sujeita a uma situação de abuso sexual, considerando os inúmeros riscos que possam vir a acontecer na infância. A pesquisa bibliográfica visou responder a seguinte questão norteadora: Qual é a importância da educação sexual como estratégia para a segurança das crianças?

A pesquisa analisou as informações de forma qualitativa, que de acordo com Creswell (2014) é a coleta de inúmeras formas de dados interpretativos que tornam o mundo visível, e assim, foram selecionados trabalhos que procuravam explicar sobre o assunto os quais estavam no idioma português. Foram usados como critérios de inclusão composições referentes ao assunto em acervos de bibliotecas on-line, periódicos e sítios do Governo Federal como o MEC, e como critérios de exclusão produtos publicados em blog, fórum, sites de notícias ou que não tiveram embasamento na pesquisa.

555

Para a coleta de dados foram utilizadas as bases: Biblioteca Virtual do MEC, Scientific Electronic Library Online (SciELO), revista Brasil Enfermagem, Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate, Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação e outras. Para as buscas foram utilizadas as palavras-chave: Educação sexual, infância e sexualidade.

Foram selecionados 49 trabalhos como referencial para esta pesquisa, publicados entre 1990 a 2021, sendo 39 artigos científicos, 1 livro, 1 palestra, 2 reuniões de pesquisa, 2 TCC's, 2 dissertações de mestrado, 1 boletim da Secretaria de Saúde e 1 lei do ECA. Foram selecionados 28 trabalhos no projeto inicial, sendo necessário a inserção de outros autores no decorrer da escrita.

A organização da presente revisão ocorreu entre junho de 2020 a setembro de 2021, proporcionando direcionamento no processo de criação da pesquisa, para que assim, fosse

formulado hipóteses na busca de solucionar a questão problema desta pesquisa. Após os dados coletados, foi iniciado o processo de leitura e triagem dos textos, ou seja, iniciou-se a análise e interpretação dos produtos coletados de acordo com o tema definido. Após esta organização, iniciou-se o andamento da escrita, cuja discussão e análise dos dados são feitas a seguir.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Conforme foi descrito nessa produção, os autores foram usados como base dessa pesquisa a fim de salientar a importância da educação sexual na infância, e como não somente o círculo familiar possui responsabilidade em ensinar e proteger as crianças dos riscos de violência sexual. De modo que neste tópico será feita uma análise de proximidade ou de distanciamento, se for o caso, entre as falas dos autores citados anteriormente.

Para dar início foi trazido o artigo de Boroto e Senatore (2019), embasados nos estudos do psicanalista Sigmund Freud, de forma a afirmar que a sexualidade infantil, é uma característica naturalmente humana e está presente desde o nascimento. Tal como Brígido e Silva (2016) que possuem uma linha de pensamento semelhante a eles, pois afirmam que Freud trouxe uma nova perspectiva a sexualidade infantil, quando categorizou os estímulos humanos em fases de latência. No entanto, essa concepção foi duramente criticada socialmente quando o psicanalista declarou que as crianças também exercem suas sexualidades, em 1900.

556

Assim, Minali (2020), Silva (2019) e Andrade e Castro (2019), também em uma linha de pensamento equivalente, alegam que as fases categorizadas por Freud estão diretamente ligadas ao desenvolvimento humano e à descoberta de suas funções operantes. Deixando claro que a sexualidade infantil não está associada apenas ao ato sexual libidinoso em si, mas principalmente no prazer de descobrir, em cada etapa da sua vida, uma nova forma de utilizar o próprio corpo. E além disso, Camarashi e Senen (2017) também afirmam que a sexualidade está diretamente ligada à psique humana e deve ser levado em conta a forma como o indivíduo a exerce ao longo da vida, também atentando as suas interferências sociais, culturais e afins.

Com isso, Furlaneto *et al.* (2018) esclarece que o debate sobre educação sexual e gênero não pode ser confundida com nenhum tipo de doutrinação moral, mas sim, um recurso de desenvolvimento para a cidadania.

Deste modo, Mesquita *et al.* (2020) aponta as mídias como meios facilitadores de transmissão de falsas informações, também chamadas de “fake news”. Da mesma forma que Santos (2018) e Cardoso (2018) descreve que as redes de comunicação são uma via de transmissão de desinformação em massa. Para defender suas perspectivas pessoais como viés político e religioso, esses indivíduos recorrem à criação de falsas informações para difamar um pensamento contrário ou favorecer um candidato em eleição, por exemplo. Essas “fake news” geralmente surgem em formato de notícia.

Exemplificando essas falas e delimitando a este tema, Silva (2018) traz o episódio em que a figura de autoridade Jair Messias Bolsonaro usa uma falsa informação para defender sua opinião conservadora de que a educação sexual no ambiente escolar traz malefícios para as crianças. No entanto, o próprio MEC (BRASIL, 2016) se pronunciou para desmentir a falsa informação propagada. Porém os ataques à educação prosseguiram, e de acordo Camargo, Rosa e Souza (2019) e Monteiro (2017) a pressão de vários idealizadores que compartilhavam da mesma opinião, assim como a nova gestão governamental, foram responsáveis pela remoção da educação sexual, intitulada de “orientação sexual”, dos documentos normativos da educação nacional, com a justificativa de que esse tema era uma ideologia de gênero com o intuito de alienar os mais vulneráveis e dar fim a instituição familiar tradicional.

557

Apesar disso, Staub (2015) e Silva (2018) defendem que a educação sexual possui grande relevância no desenvolvimento infantil, concordando que é um tema árduo a ser ensinado, o que causa uma preocupação ao método de ensino, principalmente no âmbito escolar. Sendo assim, Almeida *et al.* (2017) abre espaço para o ensino da educação sexual nas escolas, afirmando ser um complemento ao ensino da família.

Arcari (2017) descreve que o tema “orientação sexual” foi adicionado ao PNE em 1997 como um tema transversal, em outras palavras, um tema que não possuía uma matéria própria para seu ensino, desta forma ela deveria ser inserida em todas as matérias de acordo com suas especificidades. Porém, com a remoção da temática nos documentos normativos da educação os professores ficaram restringidos. Pois ao observar a própria atualização da Base, fica claro

que o mais próximo de tratar educação sexual na norma fica limitado à matéria de Ciências no que se refere “vida e Evolução”. Possuindo um caráter completamente biológico.

Correspondentemente, Oliveira; Santana e Schunemann (2017) e Justina *et al.* (2019) afirmam que a Base não deixa clara nenhum tipo de norma em relação à formação específica dos professores para o ensino do tema, tornando os professores ainda mais inseguros em relação ao ensino da educação sexual. Bazaretti (2016) também diz que alguns profissionais na educação procuram especialização na área de Análise e Interpretação de Desenhos, pois pode ser um método de identificar se uma criança está sendo vítima de abuso, uma vez que a criança se representa nos traços ao desenhar, externalizando os sentimentos internos.

Marcon *et al.* (2016) e Gava e Villela (2016) ainda trazem um complemento em relação ao material pedagógico precário a ser usado em sala de aula, principalmente no que diz respeito ao ensino da educação sexual, limitando-se ao conhecimento mínimo e ao interesse pessoal do professor. Nesse caso é ainda relevante ressaltar que os responsáveis pelos alunos podem se ofender com a iniciativa de abordar o tema, tornando o trabalho pedagógico ainda mais limitado.

Em análise ao conjunto de normas do ECA (1990), foi constatado que o art. 2º delimita o período da infância do nascimento até os 12 anos, e ainda dos 13 aos 18, o período de adolescência, e no art. 4º o ECA encarrega toda a sociedade de manter a integridade infantil segura. Desta forma, fica evidente a responsabilidade das instituições escolares de assegurar essa segurança em forma de informações às crianças sobre os riscos da violência sexual, visto que de acordo o Sinan o maior número de notificações de casos de agressão sexual foram cometidos contra menores de idade, dentro de suas próprias residências, sendo a maioria, também, por conhecidos e familiares da vítima.

À vista disso, é preocupante o fato de que os defensores da inocência infantil sejam os mesmos defensores de que a família seja a única responsável em ensinar sobre educação sexual para as crianças, pois nesse caso, é constatado que somente o ensino pela família não é suficiente para manter a integridade da criança preservada.

Em sequência, Souza (2018 *apud* FERNANDES, 2019) Afirma a importância de a educação sexual ser ensinada abertamente na escola, de uma forma que os jovens se sintam protegidos, visto que as informações necessárias para manter a criança segura nem sempre são

transmitidas em casa, fazendo com que a criança não tenha ciência de que está sofrendo um abuso. Nesse caso, a criança ainda é manipulada pelo agressor, que se aproveita de sua inocência, para que acredite estar compartilhando um segredo com ele.

Por outro lado, Souza (2020) e Llanos e Martins (2019) e Almeida *et al.* (2017) desviam a responsabilidade central da escola de ensinar sobre educação sexual, e redirecionam essa predominância à família. Souza (2020) e Almeida *et al.* (2017) ainda frisam a importância dessas duas unidades se manterem harmônicas, para que assim, busque ser evitada uma divergência de interesses e opiniões a respeito desse ensino. Em contraste com Llanos e Martins (2019) que ressaltam que a escola deve trabalhar o tema de forma geral e superficial e a família de forma mais individual e profunda.

Dias e Zandonadi (2018) ainda reforçam a relevância do círculo familiar no ensino da educação sexual. De acordo com os autores, é nesse ambiente que se inicia o processo de maturação social da criança, onde ela irá aprender os primeiros conceitos sobre a própria identidade, autocuidado e consentimento. Em paralelo, Dessen e Polonia (2007) associam um lar afetivo a um desenvolvimento saudável, pois um ambiente de interação positiva viabiliza a capacidade de adaptação do indivíduo a diferentes ambientes em que se possa participar.

559

Desse modo, Lima *et al.* (2010) ainda aponta que é possível perceber uma incipiência, por parte dos responsáveis, sobre o ensino da educação sexual, causada pelo desconhecimento e despreparo com relação ao assunto, assim como a falta de um diálogo aberto em família.

Savegnago e Arpini (2018) e Guedes *et al.* (2017) ratificam esse ponto de vista sobre a educação sexual no ambiente familiar com suas pesquisas de campo, aos quais foram alvos de estudo tanto adolescentes em fase de descoberta quanto pais com a responsabilidade de ensinar sobre educação sexual. Na pesquisa de Savegnago e Arpini (2018), os pais demonstraram dificuldade em dialogar abertamente com os filhos, relatando falta de motivação, vergonha, despreparo sobre o assunto e o receio de que esse diálogo seja um estímulo para a iniciação à vida sexual precoce, como as causas de não conversarem com seus filhos sobre o tema. Já na pesquisa de Guedes *et al.* (2018) os adolescentes alegam que os pais são dificultadores no ensino da educação sexual, e que as opiniões dos mesmos são divergentes dos ensinamentos realizados na escola.

Oliveira, Leite Junior e Nascimento (2017) ainda afirmam que a maioria dessas dificuldades apresentadas pelos pais, estão intimamente interligadas ao fato de a sociedade enxergar a educação sexual como algo impuro e obsceno, que deve ser proibido por ser um ato pecaminoso. Ribeiro (2021) ainda acrescenta que existe uma pressão social para que a educação sexual não seja ensinada em outro ambiente além do ambiente familiar, pois pais e responsáveis se sentem ameaçados diante da suposta ameaça de doutrinação de gênero e sexualidade do ambiente escolar.

Em seguimento, Costa e Oliveira (2021) ainda diz que essa educação proporcionada pelos pais ocorre muitas vezes de forma inconsciente, visto que os pais não possuem noção das consequências que suas falas causarão em seus filhos. E em consequência dessa falta de diálogo, Moreira (2016) descreve que é criado um distanciamento entre pais e filhos, causando uma sensação de vacuidade de informações, sendo motivação para que as crianças procurem essas informações em lugares impróprios, com conteúdo adulto, e com outros colegas, que possuem a mesma faixa etária e o mesmo nível de conhecimento sobre o tema.

Em sua pesquisa, Borgonovo *et al.* (2017) menciona que as crianças sentem esse desconforto dos adultos em relação ao tema, o que pode enfraquecer o vínculo de confiança. O autor ainda relata que muitas crianças são privadas desses ensinamentos, pois existe o pensamento ultrapassado de que a educação sexual deve ser limitada ao ato sexual, ou seja, é na puberdade que esses ensinamentos se iniciam. Tendo em vista que eles possuem um caráter de advertência quanto a gravidez precoce, o que caracteriza em um ensinamento superficial.

Mas para facilitar esse processo de diálogo, Soma (2019), Silva e Medeiros (2021) e Ferreira e Pereira (2020) trazem a literatura infantil como uma estratégia de simplificar o ensino da educação sexual para as crianças, trazendo um foco para a prevenção de abuso sexual. Para isso, é necessário que haja uma escolha de livros lúdicos que tratem do tema de forma clara e direta, os quais possam ser facilmente associados ao ambiente da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos aspectos mencionados, foi possível compreender que a educação sexual possui um papel fundamental para um desenvolvimento seguro e pleno na infância. Visto que as crianças são indivíduos sociais vulneráveis à incontáveis situações de risco, e assim,

necessitam de constantes cuidados. Com isso, foi possível perceber a necessidade de a educação sexual ser utilizada como uma estratégia de ensino, que envolva toda a sociedade, para o crescimento seguro das crianças. Desta forma, também foi possível observar a necessidade de novas políticas governamentais, mais elaboradas e objetivas, que amplie a liberdade das instituições escolares para tratar o tema em sala.

Para realizar a reflexão sobre o tema foram definidos três objetivos específicos. Sendo o primeiro, contextualizar estudos a respeito da sexualidade infantil e da desinformação vinculada ao assunto, o segundo, registrar a importância de abordar a educação sexual no ambiente escolar e o terceiro objetivo foi inscrever sobre o papel do círculo familiar no ensino da educação sexual.

Em decorrência do primeiro objetivo, foram trazidos estudos com a perspectiva de Freud, que desassocia a sexualidade infantil ao aspecto libidinoso e a associa à curiosidade humana, e também, foi constatado que a prática de espalhar falsas informações limitam a visão social a respeito de uma ação que traz benefícios às crianças.

E com os dados apresentados para o segundo objetivo específico, provou-se que apenas o ambiente familiar responsável pela educação sexual não é o suficiente para a segurança plena da criança. Visto que os lares adeptos ao ensino da educação sexual não são maioria. Assim, é válido ressaltar que a sexualidade infantil continua sendo mal vista pela sociedade por ser considerada pelas famílias mais conservadoras como uma prática radical da esquerda para alienar as crianças a uma ideologia de gênero, descartando qualquer vertente que considere a sexualidade infantil como uma característica natural do desenvolvimento humano.

Por conseguinte, foi contextualizado o terceiro objetivo específico, que evidenciou a importância dos círculos familiar e escolar manterem o equilíbrio ao ensinar sobre o tema. Após a realização da análise dos dados trazidos nesta pesquisa, utilizando o método bibliográfico, foi certificado que os fins dos objetivos geral e específicos foram alcançados. Porém, cabe relatar a necessidade de maiores estudos em campo que comprovem estatisticamente a relação direta entre a diminuição de casos de abuso sexual infantil e o ensino da educação sexual.

Ainda cabe mencionar que durante realização desta pesquisa, foram identificados alguns aspectos que merecem ser investigados, mas em função do tempo e do escopo direto

deste produto não foi possível alcançar, tais como: A normalização do matrimônio entre adultos e menores de idade em cidades interioranas da região Norte e Nordeste do país, o aumento da pornografia infantil nas redes sociais e nos jogos online, assim como, a superexposição de menores de idade nas redes sociais como, por exemplo, o TikTok.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rebeca Aranha Arrais Santos *et al* . Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. **Rev. Bras. Enferm., Brasília**, v. 70, n. 5, p. 1033-1039, Oct. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/p4gD43L6gJhMZv3yGkRfvnM/abstract/?lang=pt>. Acesso em 15 maio 2021.

ANDRADE, Vinicius Novais Gonçalves de, CASTRO, Yhanne Jackellyne Rodrigues de. A PSICANÁLISE E O COMPLEXO DE ÉDIPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate**. V 5, N. 1, jan-dez. 2019. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaISE/article/download/372/299&ved=2ahUKEwiC5efTy8zwAhVRIbkGHZgmAKEQFjACegQIERAC&usq=AOvVaw3deDzoBQnch7T8gZoVIEVH>. Acesso em: 15 maio 2021.

ARCARI, Caroline. Educação sexual como prevenção da violência sexual. **Coletânea de Textos**, v. 23, 2017. Disponível em: http://cmdca.salvador.ba.gov.br/images/Downloads/Caderno_Temtico_2017_Final.pdf#page=23. Acesso em: 08 set. 2021. 562

BARAZETTI, Patrícia Carla. **O desenho revelando a violência sexual: da formação em serviço aos significados docentes**. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2016. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/1528>. Acesso em 28 set. 2021.

BENTO, António. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira)**, v. 7, n. 65, p. 42-44, 2012. Disponível em: <http://www3.uma.pt/bento/Repositorio/Revisaodaliteratura.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2021.

BORGONOVO, Ana Kamila *et al*. Importância, capacidade e conforto ao conversar com crianças sobre sexualidade: comparação entre pais e professores. **Educação Online**, n. 26, p. 97-119, 2017. Disponível em: <http://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/327>. Acesso em: 28 set. 2021.

BOROTO, Ivonicleia Gonçalves, SENATORE, Regina Célia Mendes. A sexualidade infantil em destaque: Algumas reflexões a partir da perspectiva freudiana. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1339-1356, jul., 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12583>. Acesso em: 15 maio 2021.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266. Acesso em: 14 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf&ved=2ahUKEwj3oYKV2L_zAhXzJrkGHZrCANkQFnoECAMQAQ&usg=AOvVawotFvTa4G7KJx1HfvGPCNyT. Acesso em: 10 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC**. 2019. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf&ved=2ahUKEwiy9-6ki7_zAhXBHLkGHcbCAiwQFnoECBEQAQ&usg=AOvVaw3cfX9DIW6gGGB2GIXLzRqH. Acesso em: 10 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Portal Brasil**. 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/sdh/noticias/2016/janeiro/a-verdade-sobre-o-livro-de-educacao-sexual-citado-em-video-na-internet>. Acesso em: 10 out. 2021.

563

BRÍGIDO, Edimar; SILVA, Fábio Brandão. A sexualidade na perspectiva freudiana. **Revista Contemporânea**, n. 13, 2016. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=sexualidade+freudiana&btnG=&lr=lang_pt#d=gs_cit&u=%2Fscholar%3Fq%3Dinfo%3ASipk_c2NDiEJ%3AScholar.google.com%2F%26output%3Dcite%26scirp%3D4%26hl%3Dpt-BR. Acesso em: 04 set. 2021.

CAMARASCHI, Sandro; SENEM, Cleiton José. **CONCEPÇÃO DE SEXO E SEXUALIDADE NO OCIDENTE: ORIGEM, HISTÓRIA E ATUALIDADE**. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n.49, p.<166-189>, jan./jun. 2017. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://core.ac.uk/download/pdf/228499107.pdf&ved=2ahUKEwiF3rWJzszwAhV_IbkGHQ_BAuoQFjAAegQIAxAC&usg=AOvVawoxYPGRUgucBiKPtcSYPybo. Acesso em: 15 maio 2021.

CAMARGO, Giovane Matheus; ROSA, Pablo Ornelas; SOUZA, Aknaton Toczek. O combate à “ideologia de Gênero” na era da pós-verdade: uma cibercartografia das fake news difundidas nas mídias digitais brasileiras. **Revista Sinais**, v. 2, n. 23, 2019. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=fake+news+na+educac%C3%A7%C3%A3o+sexual&btnG=#d=gs_cit&u

=%2Fscholar%3Fq%3Dinfo%3Ak56fwo9PGLk%3Ascholar.google.com%2F%26output%3Dcite%26scirp%3D2%26hl%3Dpt-BR. Acesso em: 04 set. 2021.

CARDOSO, Wanda Maria Braga. Linguagem e realidade em ação: os atos de fala e a intencionalidade comunicativa em fake news na esfera política. **ARTEFACTUM-Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia**, v. 17, n. 2, 2018. Disponível em: <http://www.artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1708>. Acesso em: 12 set. 2021.

COUTO, Daniela Paula do. Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito. **Juiz de Fora Periódicos UFJF**, 2017. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/23388/12940&ved=2ahUKEwjppIK9u8zwAhXcCrkGHUsPAUQFjABegQIBBAC&usq=A0vVaw2fp6x9LFccq3bUnol98sX1>. Acesso em: 15 maio 2021.

COSTA, Elis Regina da; OLIVEIRA, Kênia Eliane de. A SEXUALIDADE SEGUNDO A TEORIA PSICANALÍTICA FREUDIANA E O PAPEL DOS PAIS NESTE PROCESSO. **Revista Eletrônica do curso de Pedagogia do Campus de Jataí**. Goiás, v. 2 n. 11, pag. 1-17, 2011. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.revistas.ufg.br/rir/article/download/20332/19287/159523%23~:text%3DFREUDIANA%2520E%2520O-,PAPEL%2520DOS%2520PAIS%2520NESTE%2520PROCESSO,sexualidade%2520infantil%2520foi%2520Sigmund%2520Freud.&ved=2ahUKEwjZ67veofzyAhW2GbkGHeC1CC8QFnoECAQQBg&usq=A0vVaw19H8CPmgsdI6m9rQhw_oly. Acesso em: 13 set. 2021.

564

CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa**: Escolhendo entre Cinco Abordagens. Penso Editora, 2014. E-book. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Ymi5AwwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA7&dq=creswell+2014+pesquisa+qualitativa&ots=Mw6LAWPubl&sig=3A87BybkO6AuU_Rw2fVbRWRqFNA. Acesso em: 01 nov. 2021.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 17, p. 21-32, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/dQZLxXCSTNbWg8JNGRcV9pN/abstract/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 10 out. 2021.

DIAS, Michelly Kallyne; ZANDONADI, Antonio Carlos. O papel e da família e da escola: processo de educação sexual dos filhos. v. 7, n. 7 (2018): **Revista FAROL**. Disponível em: <http://revistafarol.com.br/index.php/farol/article/view/149>. Acesso em: 15 maio 2021.

DIAS, Cláudia; FERNANDES, Denise. Pesquisa e método científicos. **Publicação eletrônica**. Brasília, v. 3, 2000. Disponível em: https://docs.ufpr.br/~niveam/micro%20oda%20sala/aulas/tecnicas_de_pesquisa/pesquisacientifica.pdf. Acesso em: 01 nov. 2021.

FERNANDES, Fernanda. O papel da escola no combate ao abuso sexual de crianças e adolescentes. **MultiRio**. Rio de Janeiro. 2019. Disponível em www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/14963-o-papel-da-escola-no-combate-ao-abuso-sexual-de-criancas-e-adolescentes. Acesso em: 15 maio 2021

FERREIRA, Camila Louise Baena, PEREIRA, Érica Cristina. QUANDO O CONTAR HISTÓRIAS SIGNIFICA PROTEGER:

prevenção ao abuso sexual infantil através da literatura. **Periódico Interdisciplinar**. Belo Horizonte, v.2, n.2, p. 93-107, ago./nov. 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pista/article/view/25072/17394>. Acesso em: 21 maio 2021.

FURLANETTO, Milene Fontana *et al* . Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , v. 48, n. 168, p. 550-571, Jun 2018 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742018000200550&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 maio 2021.

GAVA, Thais; VILLELA, Wilza Vieira. Educação em Sexualidade: desafios políticos e práticos para a escola. **Sex., Salud Soc.** (Rio J.), Rio de Janeiro , n. 24, p. 157-171, Dec. 2016 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872016000300157&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 maio 2021.

GUEDES, Joabe Cardoso, NETO, Izidorio Paz Fernandes, SANTOS, Hérica Oliveira dos. A abordagem da educação sexual nos espaços escolares: um olhar sobre a perspectiva dos alunos do Ensino Médio de Guarai/TO. **Educationis**, v.5, n.2, p.34-40, 2017. Disponível em: <http://doi.org/10.6008/SPC2318-3047.2017.002.0004>. Acesso em: 18 maio 2021.

565

JUSTINA, Lourdes Aparecida Della *et al*. A formação de professores e a sexualidade na

BNCC. XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XII ENPEC

UFRG, Natal, RN. 2019. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://abrapecnet.org.br/enpec/xii-enpec/anais/resumos/1/R1189-1.pdf&ved=2ahUKEwjho5blszwAhXiLLkGHWGID9oQFjAAegQIBBAC&usg=AOvVawo b68wEIL8n2VYfqY2aw4mS>. Acesso em: 15 maio 2021.

LLANOS, Mônica Hammen; DA CONCEIÇÃO MARTINS, Miriam. SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR DOS PAIS E PROFESSORES. **Revista Saberes Pedagógicos**, v. 3, n. 3, p. 211-228, 2019. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/pedag/article/view/5369>. Acesso em: 28 set. 2021.

LIMA, Aline Aparecida de *et al*. Educação sexual infantil: A interação entre a família e escola como fator determinante para uma educação eficaz. **Pedagogia em Ação**, Minas Gerais, v. 2 n.

1, p. 1-103. 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/4484>. Acesso em 14 set. 2021.

MARCON, Amanda Nogara; PRUDENCIO, Luísa Evangelista Vieira; GESSER, Marivete. Políticas públicas relacionadas à diversidade sexual na escola. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 291-302, Aug. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572016000200291&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 set. 2021.

MESQUITA, Ofélia Alencar *et al.* Fake news: geração, propagação e educação para as redes sociais. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, v. 22, n. 52, 2020. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=fake+news+na+educac%C3%A7%C3%A3o+sexual&btnG=#d=gs_cit&u=%2Fscholar%3Fq%3Dinfo%3A77a7_JZCnq4J%3Ascholar.google.com%2F%26output%3Dcite%26scirp%3Do%26hl%3Dpt-BR. Acesso em: 04 set. 2021.

MINALI, João Alexandre. **INTERPRETAÇÕES DOCENTES SOBRE AS EXPRESSÕES DA SEXUALIDADE INFANTIL NA PRIMEIRA ETAPA DO ENSINO FUNDAMENTAL**. 2020. Monografia. Mestrado. Educação Sexual. São Paulo. 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/192104>. Acesso em: 02 abril 2021.

MIRANDA, Jean Carlos; BARROS, Márcia Graminho Fonseca Braz e. Abordagem do tema sexualidade no ambiente escolar. **Revista Educação Pública**, v. 19, nº 4, 19 fev. 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/4/abordagem-do-tema-sexualidade-no-ambiente-escolar>. Acesso em: 15 abril. 2021.

566

MONTEIRO, Marcos Vinicius Pereira. O Ataque À Discussão De Gênero Na Escola, Construção Identitária E A Importância Da Liberdade Docente. 2017. **Trabalho apresentado no GT23. Anais da 38ª Reunião Científica da ANPEd**. São Luís-MA, outubro de 2017. ISSN: 2447-2808. Disponível em: http://38reuniao.anped.org.br/programacao/210?field_prog_gt_target_id_entityreference_filter=26. Acesso em: 14 set. 2021.

MOREIRA, Manuela de Oliveira. **O papel dos pais na educação sexual**. Orientadora: Profa. Ma. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira. 2016. 18 f. TCC (Graduação). Curso de Pedagogia. Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. 2016. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/12669>. Acesso em: 14 set. 2021.

OLIVEIRA, Letícia Thais Santos; SANTANA, Ronaldo Santos; SCHUNEMANN, Haller Elinar Stach. Percepção dos docentes do Ensino Médio referente à educação sexual na escola. **Revista Internacional de Formação de Professores**, v. 2, n. 2, p. 121-135, 2017. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/667>. Acesso em 28 set. 2021.

OLIVEIRA, Pedro Wanderson Leite de; LEITE JUNIOR, Francisco Francinete e NASCIMENTO, Francisco Arrais. **ADOLESCÊNCIA E A FAMÍLIA:**

Desafios para uma educação sexual dos/as filhos/a. **Revista Café com Sociologia**, v. 6, n. 2. p. 229-249, mai./jul. 2017. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/786>. Acesso em: 14 set. 2021.

PROVENZI, Júlia. Educação sexual é fundamental para combater o abuso infantil. **UFRGS**, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/educacao-sexual-e-fundamental-para-combater-o-abuso-infantil/>. Acesso em: 02 abril. 2021.

RIBEIRO, Marcos. **A Conversa Sobre Sexualidade na Escola: Da educação infantil ao ensino médio**. Wak, 2021. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=4IotEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT15&dq=sexualidade+infantil:+podemos+conversar%3F&ots=XvkgAoo4E6&sig=7FSviN5eOHhGUqJaqThJcF5oj2U. Acesso em: 28 set. 2021.

SANTOS, Katiana Araújo dos. **Fake news na política: O uso da narrativa do "kit gay" na construção da imagem de Jair Bolsonaro**. TCC (Graduação em Jornalismo). UEPB. Campina Grande-PB, P. 33. 2018. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/18872>. Acesso em: 06 nov. 2021.

SAVEGNAGO, Sabrina Dal Ongaro; ARPINI, Dorian Mônica. Olhares de mães de grupos populares sobre a educação sexual de filhos adolescentes. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 18, n. 1, p. 8-29, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/4518/451858897002/451858897002.pdf>. Acesso em: 13 set. 2021.

567

Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Sistema de Informação de Agravos de Notificação - **Sinan**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://antigo.saude.gov.br/images/pdf/2018/junho/25/2018-024.pdf&ved=2ahUKEwixOCY-oToAhVLrpUCHVJ-DMIQFnoECAMQAQ&usg=AOvVaw1hKTnwBpckXhox3VJOb5vp>. Acesso em: 06 nov. 2021.

SILVA, Águida de Sousa da. **EDUCAÇÃO SEXUAL, ESCOLA E FAMÍLIA: UMA REVISÃO**

INTEGRATIVA. UNILAB. **Redenção**. 2018. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.repositorio.unilab.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1309/2018_mono_assilva.pdf%3Fsequence%3D1%26isAllowed%3Dy&ved=2ahUKEwjR1ueioczwAhVXHLkGHXRaDdcQFjAAegQIBBAC&usg=AOvVawos9k_nfM5U2ZW_ckYY_tIK. Acesso em: 15 maio 2021.

SILVA, Demóstenes Soares Da. Entendendo freud: a importância da compreensão do educador acerca das fases psicosssexuais da sexualidade infantil. Anais VI CONEDU.

Campina Grande: **Realize Editora**, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/60304>. Acesso em: 15 maio 2021.

DA SILVA, Rosangela Trabuco Malvestio; MEDEIROS, Paulo Jorge. Literatura infantil: possibilidades educativas para trabalhar a temática abuso sexual infantil. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 2, p. 17534-17548, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/25010>. Acesso em: 28 set. 2021.

SILVA, Tammi Schalm da. **Fake News**: como ensinar os alunos a lidarem com essa realidade? TCC (Especialização em Mídias na Educação). UFRGS. Porto Alegre, P. 53. 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/203240>. Acesso em: 06 nov. 2021.

SOMA, Sheila Maria P.; WILLIAMS, Lúcia C. A. Livro infantil especializado como estratégia de prevenção do abuso sexual. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 186-203, abr. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872019000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 maio 2021.

SOUZA, Marcelle. Educação sexual deve estar no currículo, mas não substitui papel da família. **Ecoa**. 2020. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/12/10/educacao-sexual-deve-estar-no-curriculo-mas-nao-substitui-papel-da-familia.amp.htm>. Acesso em: 15 maio 2021.

STAUB, Fabiana; GRAUPMANN, Edilene Hatschbach. Educação Infantil: Uma abordagem sobre a sexualidade. **EDUCERE**. 2015. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19270_8884.pdf&ved=2ahUKEwjEmJ_R_7vAhVKIbkGHb7fD24QFjAOegQIChAC&usq=AOvVawoJEzDn_Aq9KleSXvHkMF1E. Acesso em: 15 abril. 2021.